

UNIVERSIDADE À POLITÉCNICA

Instituto Superior de Humanidades, Ciências e Tecnologias

Curso: Psicologia Clínica

**Indivíduo, Pessoa, Personalidade e Comportamento Desviante**  
**Modelos Psicológicos e Psicobiológicos da Personalidade**

Gesibell Sofia Doce Taibo

Quelimane

2020

Gesibell Sofia Doce Taibo

Curso: Psicologia Clínica

## **Indivíduo, Pessoa, Personalidade e Comportamento Desviante**

### **Modelos Psicológicos e Psicobiológicos da Personalidade**

Exame oral de Culminação de Curso apresentado ao Instituto Superior de Humanidades, Ciências e Tecnologias como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Psicologia Clínica

Quelimane

2020

## Índice

|  |    |
|--|----|
| Resumo -----   | iv |
| Abstract -----   | v  |
| Capítulo I   |    |
| 1. Introdução -----  | 6  |
| 2. Capítulo II   |    |
| 2.1. Marco Teórico -----   | 7  |
| 2.2. Indivíduo, Pessoa, Personalidade e Comportamento Desviante -----      | 7  |
| 2.2.1. Indivíduo, Pessoa e Personalidade -----                             | 7  |
| 2.2.2. Desvio E Comportamento Desviante: Breve Abordagem -----             | 8  |
| 2.3. A Prevenção De Comportamentos Desviantes: Orientações e Modelos ----- | 13 |
| 2.3.1. Estrutura e Conteúdo Da Personalidade -----                         | 14 |
| 2.3.2. Caráter, Temperamento e Traço -----                                 | 15 |
| 2.3.3. Teorias Da Personalidade: Diferenças e Semelhanças -----            | 16 |
| 2.3.4. A Teoria De Erich Fromm -----                                       | 18 |
| 2.4. Abordagens Da Personalidade -----                                     | 19 |
| 2.4.1. Modelos De Personalidades -----                                     | 20 |
| 2.4.2. Os 5 Modelos Psicológicos Da Personalidade -----                    | 21 |
| 2.4.3. Modelos psicobiologicos da personalidade -----                      | 22 |
| 2.4.3.1. Características dos Tipos psicobiologicos da personalidade -----  | 23 |
| 2.4.3.2. Perspectiva psicobiologicos -----                                 | 23 |
| Capitulo III   |    |
| 3. Conclusão -----   | 25 |
| 4. Recomendações -----   | 26 |
| 5. Bibliografia -----  | 27 |

## **Resumo**

O presente trabalho foi elaborado mediante a contextualização da problemática da pessoa, indivíduo e comportamentos desviantes bem como os modelos de personalidade. O conceito indivíduo é utilizado geralmente na Sociologia, mas que é pouco frequente no contexto coloquial onde as pessoas preferem uma entidade mais pessoal e espiritual. Isto é, o termo pessoa é mais utilizado, pois se refere mais à essência corporal e espiritual de um ser humano. Desvio comportamental é caracterizado por padrões persistentes de conduta socialmente inadequada, agressiva ou desafiante, com violação de normas sociais ou direitos individuais. É um dos transtornos psiquiátricos mais frequentes em jovens e um dos maiores motivos de encaminhamento ao psiquiatra infantil. As pessoas precisam de um tratamento específico e um acompanhamento contínuo do Psicólogo. Com objectivo de perceber os modelos psicologicos em comportamentos desviantes.

**Palavras-Chave:** Indivíduo, Comportamento, Desvio, Acompanhamento Contínuo

## **Abstract**

The present work was elaborated through the contextualization of the person's problematic, individualized and deviant behaviors as well as the models of the personalities. The concept of the individual is generally used in sociology, but it is uncommon in a colloquial context where people prefer a more personal and spiritual entity. That is, the term person is more used, as it refers more to the bodily and spiritual essence of a human being. Behavioral deviation is characterized by persistent patterns of socially inappropriate, aggressive or challenging conduct, with violation of social norms or individual rights. It is one of the most frequent psychiatric disorders in young people and one of the biggest reasons for referral to a child psychiatrist. People need specific treatment and continuous monitoring by the Psychologist. In order to understand the psychological models in deviant behaviors

**Key-word:** Individual, Behavior, Deviation, Continuous Monitoring

# Capítulo I

## 6. Introdução

Como a maioria dos temas em Psicologia, o senso comum “usa e abusa” da palavra personalidade, que exerce grande fascínio sobre os leigos. Ela é usada de diferentes maneiras: ora para designar habilidades sociais (a capacidade de tomar decisões rápidas, por exemplo), ora para se referir à impressão marcante que alguém causa a partir de uma característica considerada como central (a timidez, a inteligência etc.). E todos nós já ouvimos o termo, empregado para anunciar a presença de alguém “importante” ou ilustre. Nos dois primeiros casos, parte-se de um comportamento observável, infere-se um conjunto de características e verificasse uma tendência à valoração da personalidade enquanto boa ou má.

De modo geral, personalidade refere-se ao modo relativamente constante e peculiar de perceber, pensar, sentir e agir do indivíduo. A definição tende a ser ampla e acaba por incluir habilidades, atitudes, crenças, emoções, desejos, o modo de comportar-se e, inclusive, os aspectos físicos do indivíduo. A definição de personalidade engloba também o modo como todos esses aspectos se integram, se organizam, conferindo peculiaridade e singularidade ao indivíduo.

O estudo da personalidade constitui um domínio particularmente interessante nas áreas Sociais e Humanas. Desde os primórdios, a noção de personalidade tem sofrido significativas mudanças, o que, desde já, nos deixa a refletir acerca do quão complexo é esta temática bem como de todas as componentes intimamente relacionadas.

O presente trabalho irá debruçar-se sobre a pessoa, indivíduo, personalidades e comportamentos desviantes bem como modelos psicológicos e psicobiológicos da personalidade. Com objectivo de mostrar a importância da psicologia no auxílio aos doentes crónicos de forma clara e apoiar aquilo que é a percepção da psicologia como ferramenta para a mudança de comportamento sobre patologias acima referidas. Para a sua execução abarcará os seguintes aspectos, uma introdução, Capítulo I Introdução (caracterização do objeto de estudo), Capítulo II abordará a fundamentação teórica e Capítulo III a conclusão.

## **7. Capítulo II**

### **7.1. Marco Teórico**

### **7.2. Indivíduo, Pessoa, Personalidade e Comportamento Desviante**

#### **2.2.1. Indivíduo, Pessoa e Personalidade**

O conceito indivíduo é uma forma impessoal de se referir ao ser humano. Enquanto o conceito pessoa atribui mais humanidade ao ser humano, o conceito indivíduo se conecta de forma direta com a filosofia do individualismo, onde a liberdade individual se torna o principal motor de felicidade. A sociedade está formada por indivíduos que compõem o tecido social de um grupo. O significado de Indivíduo é, como adjetivo, aquilo que não se divide, não se separa, (Martins, 2001).

O conceito de pessoa, como se concebe hoje, é estranho à filosofia grega. Em grego, falta até mesmo o termo para exprimir a personalidade. Persona é a palavra da língua latina, na qual até o advento do cristianismo, se designava a máscara que permitia ao autor ampliar a sua voz (personare) e comunicar-se com a assembleia, e ao mesmo tempo denotava determinado papel na acção teatral, como o papel de Júpiter, de Édipo, dentre outros.

O termo pessoa parece derivar das máscaras que representavam personagens humanas nas comédias ou tragédias: pessoa, com efeito, vem de personare, ressoar, porque necessitava-se de uma concavidade para que o som se tornasse mais forte. Os gregos chamam estas máscaras prósopa, porque colocam-nas sobre a face e diante dos olhos para esconder o rosto (Aquino, Sm.Th I, q.29,a.3).

Existe a hipótese de que o novo uso do termo persona teria sido introduzido por Sêneca, mas é uma hipótese duvidosa. Normalmente também neste autor o termo persona tem significado de máscara. De tal uso, se deve concluir que em Sêneca o termo persona não perdeu ainda o seu significado originário, literal, para ser assumido como símbolo do que há de mais perfeito, profundo, característico no homem. (Sêneca, 1993)123

Olhando para a essência do conceito pessoa, vê-se claramente que em todos conceitos acima têm o fulcro em 'mascara' para referenciar a pessoa, porém, o conceito mais contundente em relação a pessoa como actualmente se diz, tratar-se de ser racional e consciente de si mesmo com

identidade própria, podemos associar esse pensamento a teoria do Aquino, que associa esse ser consciente ao dar identidade a máscara usada em peças teatrais.

A personalidade é um “produto da actividade individual condicionada pela totalidade social” (Martins, 2001). Dessa forma, é pela actividade do indivíduo que é possível compreender a gênese e o desenvolvimento da personalidade, sendo a unidade de análise psicológica do processo de personalização (Leontiev, 1978b e Séve, 1979).

Para Leontiev (1978b) reafirma propositalmente, em várias partes de seu texto, a exigência teórico-metodológica de ter a actividade como unidade de análise para a compreensão da personalidade, pois não é possível obter nenhuma “estrutura da personalidade” a partir de uma selecção de algumas peculiaridades psíquicas ou psicossociais do homem; a base real da personalidade do homem não está em programas genéticos postos nele, nem profundezas de seus dotes e inclinações inatas, tampouco nos hábitos, conhecimentos e habilidades que adquire, incluídos os profissionais; mas no sistema de actividades que cristaliza esses conhecimentos e habilidades.

Segundo Pervin (2005) diz que Personalidade é o conjunto de características psicológicas que determinam os padrões de pensar, sentir e agir, ou seja, a individualidade pessoal e social de alguém.

### **2.2.2.Desvio E Comportamento Desviante: Breve Abordagem**

Considerando que a adolescência é um período de grandes incertezas e inquietações, decorrentes dos diversos estádios pelas quais o jovem tem de passar, o que acontece muitas vezes é que o adolescente desafia algumas regras e normas, criando conflitos nas relações. O estudo do comportamento, mais concretamente do que se designa por comportamento desviante representa um dos maiores desafios dos investigadores sociais desde o século XIX.

José Machado Pais (2003), na sua obra *Culturas Juvenis*, apresenta-nos o conceito de cultura juvenil considerando-o como um sistema de valores, crenças, normas, símbolos e práticas aos quais jovens de diferentes meios e condições sociais aderem e partilham entre si. De acordo com o autor, as culturas juvenis podem ser compreendidas de acordo com duas correntes distintas, nomeadamente: a geracional e a classista. A corrente geracional destaca o aspecto unitário da juventude, entendendo-a como uma ‘fase da vida’. Aqui, cultura juvenil define-se pela relativa

oposição à cultura das gerações anteriores. Em consequência, tende-se a atribuir à delinquência juvenil o desajustamento dos jovens ao comportamento preconizado pelos mais velhos já que em cada geração é possível identificar correntes de jovens que aceitam o que existe socialmente (tradições, instituições, etc.) e os que se opõem. A corrente classista interpreta a juventude a partir da reprodução social entendida em termos da reprodução de classes, sendo a transição para a vida adulta determinada pelas desigualdades sociais. Aqui as culturas juvenis são apresentadas como ‘culturas de resistência’, isto é, negociadas num contexto determinado pelas relações de classe.

Para Pais (2003), em ambas correntes o conceito de cultura juvenil está associado ao de ‘cultura dominante’, pois a primeira caracteriza-se pela oposição à cultura dominante das gerações mais velhas e outra pela resistência à cultura da classe dominante. Assim, nas duas correntes, o conceito de cultura juvenil caracteriza-se como subcultura e como procedimento de internalização de normas nos processos de socialização. Como este autor, entendemos que a análise sociológica deve transitar entre as duas correntes (e seus diversos autores) de modo a abarcar os seus diversos aspetos -não excludentes -no sentido de captar a complexidade do fenómeno genericamente denominada ‘juventude’.

Curra (2010), afirma que o desvio não existe no vazio, não podendo ser dissociado do contexto social em que ocorre, uma vez que onde existem normas existe desvio. Já, Simões (2007), apoiando-se numa perspectiva sociológica, refere que o desvio depende dos valores, normas, princípios éticos ou legais válidos na sociedade e na cultura na qual o indivíduo se insere. A noção de desvio foi durante algum tempo objeto de estudo por parte de alguns sociólogos que pretendiam explicá-lo tendo em conta a vida em sociedade, nomeadamente por Durkheim e Merton. Contudo, as primeiras explicações revelaram que a sua origem estaria relacionada com características biológicas, considerando que alguns indivíduos possuíam traços inatos que seriam a fonte do crime e do desvio.

O conceito de desvio corresponde às condutas que transgridem as normas de uma determinada sociedade e, à ausência ou falta de conformidade face às normas ou obrigações sociais que se estabelecem como válidas. O crime e o desvio apresentam-se ambos como factos sociais, inevitáveis e essenciais das sociedades modernas uma vez que as pessoas no mundo moderno sentem-se menos coagidas do que nas sociedades tradicionais, por esta razão existe mais margem

de manobra para a liberdade de escolha nas sociedades modernas. Neste sentido, pode-se definir desvio “como o que não está em conformidade com determinado conjunto de normas aceite por um número significativo de pessoas de uma comunidade ou sociedade (Giddens, 2007).

Porém, desvio e crime não são conceitos sinónimos, sobrepondo-se algumas vezes. Importa destacar que o conceito de desvio é mais amplo que o de crime, “que se refere à conduta que viola uma lei” (Giddens, 2007)..

Considerando a sua perspectiva, a anomia designa, em sentido lato, a desvinculação ou a falta de adesão aos valores, enquanto no plano das representações significa a desagregação dos valores e a ausência de referências e no das relações humanas, remete para a desagregação das relações sociais. De acordo com Durkheim (1999), o desvio é necessário para a sociedade, uma vez que desempenha duas funções importantes, nomeadamente: uma função adaptativa e uma função de manutenção de limites.

Enquanto função adaptativa, o desvio funciona como uma força impulsionadora da mudança através da introdução de novas ideias e desafios na sociedade, promovendo a manutenção dos limites entre comportamentos “bons” e “maus” na sociedade (Durkheim, 1993).

O conceito de anomia, em Merton, surge na linha de pensamento durkheimiana de anomia que afirma que uma sociedade anómica é aquela que vive privada de normas, referindo-se então à pressão que a sociedade impõe aos jovens para que se comportem, de forma desviante, quando as normas e a realidade social entram em conflito (Cam & Irmak, 2014).

De acordo com Cam & Irmak (2014) o desvio representa uma consequência das desigualdades económicas e da ausência de iguais oportunidades. Nesta perspectiva, “o comportamento desviante pode ser considerado, sociologicamente, como um sintoma da dissociação entre objectivos culturalmente prescritos e os caminhos socialmente estruturados”. Em síntese, para Merton a anomia e os comportamentos desviantes não são mais do que a consequência deste estado de desfasamento, que coloca os membros da sociedade em situações de desequilíbrio e de eventual conflito. Posteriormente, outros autores para além de Durkheim e Merton, associaram o desvio a pequenos grupos subculturais que encorajavam ou recompensavam os comportamentos delituosos manifestados.

Na perspectiva de Albert Cohen (1955) aborda o conceito de subculturas delinquentes que “rejeitavam os valores da classe média e substituem-nos por normas que celebram o desafio, como a delinquência e outros atos de não-conformidade”. Na opinião do autor, a estrutura da própria sociedade, a cultura e a organização social criam problemas de adaptação que levam estes jovens a acionar diferentes estratégias para enfrentar problemas. Quando, no quadro da sociedade convencional, os indivíduos não conseguem ocupar posições de destaque, rejeitam os aspectos da cultura que lhes parecem despropositados e tentam criar normas e valores mais adequados, ainda que muitos desses valores e normas possam ser desviantes. Por outro lado, e já que estes indivíduos procuram a realização pessoal, a aceitação e reconhecimento público, assim como a mudança de estatuto, são obrigados a desenvolver uma ação coletiva e a partilhar os mesmos problemas e ideais com aqueles que ocupam posições semelhantes.

Paralelamente a estes autores, Becker (1973) debruçou-se também sobre o conceito de desvio, definindo-o como um fenómeno construído socialmente, como resultado de um julgamento feito a propósito de uma conduta ou comportamento considerado desviante. Portanto, o desvio não é uma qualidade intrínseca ao acto praticado, nem uma propriedade inerente a um comportamento, mas a consequência do ajustamento realizado pelos outros relativamente às regras não respeitadas.

Carvalho (2003) refere que a Teoria da Rotulagem é outro importante contributo que permite compreender a génese dos comportamentos desviantes, considerando os princípios desta teoria, o desvio não é visto como um conjunto de características de um indivíduo ou grupo, mas sim como um processo de interação entre aqueles que se desviam e os que o não fazem. Assim, o comportamento desviante é analisado como um processo interativo e sequencial, isto é, inicialmente é cometido um primeiro ato desviante (dito primário), sendo seguidamente objeto de uma etiquetagem (estigmatização), primeiro pelos mais próximos (famílias, grupos de pares etc.) e depois pelas instâncias de controlo social.

Esta estigmatização produz dois efeitos, por um lado ela conduz o interessado a interiorizar a imagem de si mesmo, que lhe é devolvida pela sociedade, definindo-se assim a si próprio como desviante. Por outro lado, ela limita as suas possibilidades de continuar a agir dentro do quadro legal. A rotulagem tem consequências importantes, não só em termos de uma participação social posterior como na definição da própria imagem do sujeito etiquetado. Ao ser classificado dessa

forma, o jovem sente-se imposto a reestruturar a sua identidade de modo a adequá-la ao seu novo estatuto social, de desviante (Carvalho, 2003).

Ainda Carvalho (2003), refere que esta nova identidade, impede o jovem de participar em todas as actividades organizadas pelos grupos conformistas e obriga-o a desenvolver um comportamento desviante, não porque este esteja inscrito no seu carácter, mas porque o desvio se tornou uma forma de reacção às pressões exercidas pelos grupos conformistas. Assim, esta rotulagem confere um estatuto desvalorizado ao sujeito, sendo responsável pelo seu isolamento social e diminuição de oportunidades legítimas, obrigando-o, por isso, a prosseguir um percurso desviante. Os comportamentos desviantes também podem ser entendidos como “todos os comportamentos problemáticos que se manifestam no decurso de transição dos jovens para a vida adulta, sendo entendidos como comportamentos de quebra de condutas sociais convencionais que o indivíduo manifesta decorrentes de um processo de socialização juvenil”.

Bandura (1971) define a aprendizagem como um processo mental interno, que pode ou não ter reflexos na mudança do comportamento imediato do indivíduo. De acordo com o autor, os indivíduos aprendem observando os outros, através da modelagem. Este mecanismo representa as mudanças comportamentais, cognitivas e afetivas decorrentes da observação de um ou mais modelos. A teoria da aprendizagem social de Bandura permite-nos perceber a génese dos comportamentos desviantes, destacando a ideia de que grande parte das aprendizagens ocorre no contexto social do indivíduo. Ao observar os outros, estes jovens adquirem conhecimentos acerca das regras, competências, crenças e atitudes. Em simultâneo, aprendem também a adequar os seus comportamentos e atitudes, através da observação de outros modelos de comportamento, podendo então vir a adequar os seus comportamentos de acordo com as suas crenças e valores.

De acordo com a perspectiva de Coelho (2010:38),

“O comportamento desviante enquadra-se numa abordagem predominantemente sociológica e é entendido como um comportamento que envolve uma transgressão ou violação de normas e expectativas sociais, sendo a sua classificação como tal efetuada por um grupo de indivíduos ou pela comunidade”.

O comportamento desviante varia em função da estrutura social na qual o indivíduo se encontra inserido, dos valores e normas (que legais quer éticas) nele vigente. Farrington e Loeber (2003),

verbalizam que a maioria dos nossos conhecimentos atuais sobre o comportamento desviante resulta de estudos longitudinais desenvolvidos nas últimas quatro décadas.

### 2.3.A Prevenção De Comportamentos Desviantes: Orientações e Modelos

Um programa de prevenção, pode ser visto como um conjunto organizado, coerente e integrado de ações e de procedimentos sequenciais, que possibilitem o alcance de objetivos previamente definidos. Assim, a criação de um programa de prevenção implica o cumprimento de alguns procedimentos e requisitos, nomeadamente; a) estabelecimento do diagnóstico e definição dos objetivos; b) condições de mobilização, com implicação e envolvimento dos atores sociais; c) implementação da ação e d) análise e retorno do que foi alcançado. ” (Nunes; 2010)

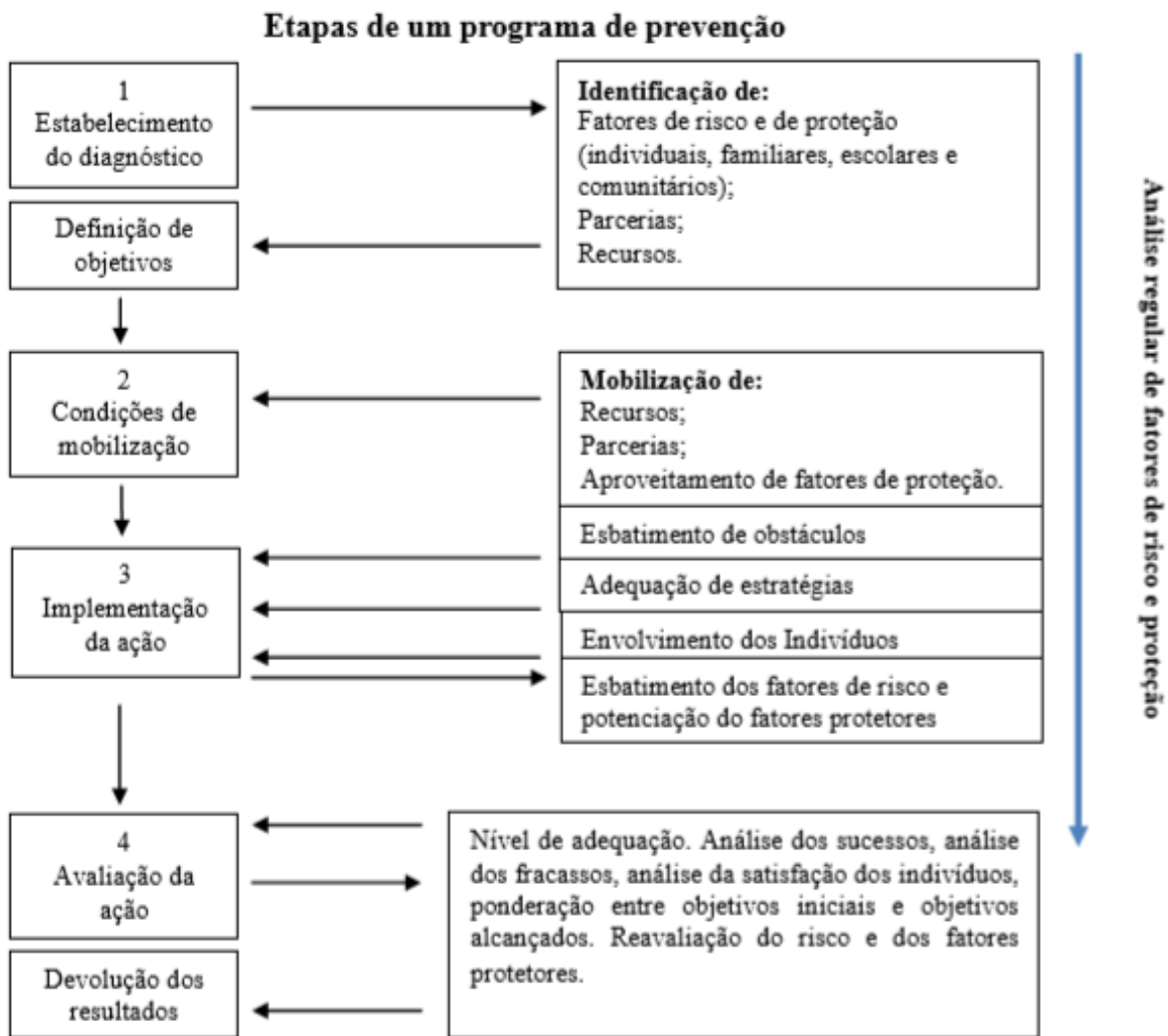


Figura 1 – Etapas de um programa de prevenção, englobando fatores de risco e proteção (Nunes; 2010)

### **2.3.1. Estrutura e Conteúdo Da Personalidade**

A estrutura da personalidade é a base que organiza e une entre si as diferentes condutas e disposições do indivíduo, é a organização global que dá consistência e unidade à conduta. A Psicanálise afirma que esta estrutura está formada, como base, por volta dos 4 ou 5 anos; Piaget coloca que a personalidade começa a se formar muito mais tarde, entre os 8 aos 12 anos (Durkheim, 1999).

Segundo Cam & Irmak (2014), os conteúdos desta estrutura da personalidade estão relacionados com as vivências concretas do indivíduo no seu meio social, cultural, religioso etc. Só é possível compreender a personalidade considerando a relação indissociada entre estrutura e conteúdo. Esta relação dá a dinâmica da personalidade, fornece o caminho para compreender seu desenvolvimento e as mudanças, mais ou menos radicais, que pode sofrer. A interioridade ou intimidade do indivíduo expressa-se, de modo mais ou menos transparente, nos seus comportamentos e no seu modo de estar no mundo, bem como esta subjetividade constitui-se por este mesmo “estar no mundo”, pela presença do outro que marca cada um de nós.

Para Hansenne (2003), a personalidade não é um modo de funcionamento no “vazio”, não é só a possibilidade de pensar, por exemplo, mas o conjunto estruturado de opiniões, valores etc., que possibilita o exercício desta capacidade. Neste sentido, afirma-se que os indivíduos têm uma quantidade de energia vital, maior ou menor, que dará a tonalidade de seus comportamentos. Por exemplo, há o indivíduo “mais calmo” e aquele “mais agitado”.

A prática profissional da Psicologia - o ser psicólogo – é actualmente uma prática socialmente reconhecida. Esse reconhecimento tem sido conquistado ao longo dos anos mediante, por um lado, a sistematização e clarificação daquilo que é o corpo científico do conhecimento desta ciência e, por outro lado, através do desempenho de profissionais competentes e eficazes em inúmeros contextos.

A ciência psicológica, que toma como objecto de estudo e intervenção o comportamento e todos os processos mentais subjacentes, quando sai do laboratório e dos quadros teóricos em que precisa de se alicerçar, encontra uma extensa pluralidade de campos de intervenção já que pode, e utilmente tem uma palavra a dizer, em todas as situações da vida quotidiana. É assim que a psicologia se desdobra, enquanto profissão, num sem número de especialidades focadas sobre

contextos específicos: a psicologia educacional, a psicologia do desenvolvimento, a psicologia organizacional, a psicologia económica, a psicologia do trabalho, entre outras (Nunes; 2010).

### **2.3.2. Caráter, Temperamento e Traço**

Na abordagem da personalidade, alguns termos são empregados frequentemente com vários significados, inclusive no senso comum. Alguns destes termos são: caráter, temperamento e traço de personalidade.

Caráter — é um termo que os teóricos preferem não usar, devido à diversidade de usos existentes, inclusive no senso comum, para designar os aspectos morais dos indivíduos. Eventualmente, podemos encontrá-lo na referência a reacções afectivas, ou, mais comumente, para designar aquilo que diferencia um indivíduo do outro, a marca pessoal de alguém. W. Reich, um psicanalista que no desenvolvimento de sua teoria afastou-se da teoria de Freud, usa o termo caráter como substituto de personalidade. Em vez de falar sobre teoria da personalidade, ele fala de teoria do caráter, integrando os aspectos biofísicos e psicológicos (Hansenne, 2003).

Temperamento — é outro desses termos usados em vários sentidos. Ele deve ser entendido como uma alusão aos aspectos da hereditariedade e da constituição fisiológica que interferem no ritmo individual, no grau de vitalidade ou emotividade dos indivíduos. Neste sentido, afirma-se que os indivíduos têm uma quantidade de energia vital, maior ou menor, que dará a tonalidade de seus comportamentos. Por exemplo, há o indivíduo “mais calmo” e aquele “mais agitado” (Hansenne, 2003)..

Traço de personalidade — refere-se a uma característica duradoura da personalidade do indivíduo. Por exemplo, ser reservado, ser bem-humorado, ser expansivo etc. Os traços são inferidos a partir do comportamento. Alguns podem ser mais “centrais” da personalidade, e outros, mais “periféricos”. Os centrais seriam aqueles em torno dos quais o conjunto das demais características ou traços organizam-se. C. G Jung desenvolveu também este aspecto em sua teoria da personalidade, chegando a criar tipos psicológicos: o extrovertido e o introvertido. Os traços podem ser comuns a um grupo social, ou podem variar neste mesmo grupo social (Hansenne, 2003).

As teorias que de desenvolvem essa “tipologia” de personalidade sofrem algumas críticas no sentido de que são “artificiais”, porque é impossível encontrar-se um tipo puro, isto é, os

indivíduos normalmente localizam-se em algum ponto desta escala de opostos, por exemplo, quanto a ser passivo ou ativo.

### **2.3.3. Teorias Da Personalidade: Diferenças e Semelhanças**

Existem inúmeras teorias da personalidade. Estas teorias enfatizam aspectos diferentes. A Psicanálise por exemplo, enfatiza os aspectos psicosssexuais; a teoria rogeriana, enfatiza a necessidade fundamental de auto realização de todo indivíduo humano; a teoria behaviorista enfatiza a aprendizagem e, praticamente, substitui a teoria de personalidade por uma teoria de aprendizagem em que os aspectos duradouros do comportamento do indivíduo são os hábitos (Hansenne, 2003).

Para Cam & Imark (2014), Além da ênfase em aspectos diferentes da personalidade, as teorias também podem-se agrupar ou diferenciar quanto aos princípios pelos quais norteiam a abordagem da personalidade. Alguns destes princípios são:

1. Os determinantes inconscientes do comportamento, em contraposição aos determinantes conscientes, permanecem, atualmente, como fatores centrais na diferença entre as várias teorias de personalidade. Alguns teóricos rejeitam, explicitamente; a determinação inconsciente do comportamento, como K. Lewin e G. Àllport. Eles desenvolveram a psicologia da consciência. Freud e seus seguidores enfatizam o inconsciente como núcleo fundamental da teoria e da conduta na vida cotidiana e não só na patologia.
2. Conceber a personalidade e, portanto, o homem como produto do determinismo ambiental ou do determinismo psíquico é outra questão importante. Alguns teóricos, adeptos da teoria Hull, Dollard e Miller, supõem que, quando o indivíduo nasce, a mente humana é uma “tábula rasa” que só vai adquirindo estrutura e conteúdo pela estimulação do meio, pelas inúmeras situações de aprendizagem que compõem o cotidiano e a vida inteira. O homem é pensado como passivo e reativo. Segundo esta teoria, é na compreensão do ambiente e neste mundo exterior ao indivíduo que se deve buscar a causa do comportamento, da resposta, enquanto reação a estímulos ambientais. A personalidade, portanto, é um conjunto de hábitos e comportamentos adquiridos a partir de condicionamentos na infância e outras formas de aprendizagem que vão reforçando alguns hábitos, substituindo outros. E o determinismo

ambiental. Em oposição a estes teóricos, estão aqueles que não fazem qualquer referência ao processo de aprendizagem, como Jung e Rogers. Estes, assim como Freud, colocam o indivíduo como fonte de seus atos. A natureza do homem é ativa. Ele é dotado de impulsos, instintos, motivações, necessidades, desejos conscientes ou inconscientes, bem como de uma energia vital ou sexual que determinam seu modo de ser. E o determinismo psíquico.

3. Existe uma tendência geral dos estudiosos da personalidade em considerar a hereditariedade e a base biológica do organismo como relevantes. Os teóricos que enfatizam a aprendizagem afirmam que o ambiente atua, inicialmente, sobre uma base biológica, o organismo. A Psicanálise afirma que a base inata dos instintos transforma-se em pulsões. Sheldon é um dos teóricos que mais radicaliza a importância deste fator, no sentido de “reduzir” os aspectos da personalidade às características genéticas. Este autor sustenta que há uma estrutura biológica que determina o desenvolvimento físico e a modelagem de comportamento. Suas pesquisas tentam comprovar que existe uma correlação entre tipo físico e tipo psicológico. Por exemplo, a correlação entre o tipo mesomorfo (tipo físico atlético) e a postura de dominação e agressividade na sua relação com os outros.

Outros autores, como Lewin e Rogers, não negam a influência do biológico, mas a reduzem ao mínimo e enfatizam os fatos psicológicos, o conjunto de experiências significativas do indivíduo, a vivência em grupo etc.

4. O contexto sociocultural, enquanto referência ao mundo das relações sociais mais amplas e da cultura, é considerado por poucas teorias como influenciador da formação e do desenvolvimento da personalidade. W. Reich, em sua teoria, procurou demonstrar que o comportamento dos indivíduos é determinado, também, pelas condições histórico-estruturais da sociedade em que os homens vivem. Seus estudos sobre a sexualidade da juventude e o comportamento das massas na Alemanha nazista buscou mostrar como ocorre a formação do caráter (personalidade) peculiar e ajustada às condições de vida econômica, política e cultural de um povo. E esta formação caracterológica (de personalidade) passa a “sustentar”, legitimar e conservar esta ordem social. Erich Fromm é outro psicólogo que também acata a importância de se compreender a personalidade como produto de condições culturais, isto é, para ele a personalidade desenvolve-se de acordo com as oportunidades que a sociedade oferece. Outros autores, como Lewin, consideram a influência social equivalente a

experiências grupais, isto é, afirmam a importância dos grupos sociais aos quais o indivíduo pertence ou já pertenceu, na formação e controle de seu comportamento. Em síntese, as inúmeras concepções de personalidade, os diferentes modos de compreender sua estrutura e funcionamento refletem a diversidade de concepções filosóficas sobre o que é o homem, o que é ciência, bem como filiação dos teóricos a uma ou outra escola de pensamento em Psicologia. As diferentes teorias são diferentes recortes de um mesmo homem, que pensa, sente, age, se autoconhece e se transforma. Não há ainda uma teoria que englobe todos os conhecimentos acumulados nesta área de estudo e supere esta diversidade.

#### **2.3.4.A Teoria De Erich Fromm**

Com a apresentação da teoria de personalidade de Erich Fromm, pretende-se fornecer uma ideia geral de um corpo sistematizado de conhecimentos nesta área, a partir das ideias principais de um dos estudiosos da personalidade.

Natural da Alemanha, Erich Fromm (1900-1980) concluiu os estudos de Psicologia, Sociologia e Filosofia em seu país, tendo se radicado nos Estados Unidos, em 1933. Sua formação teórica foi em Psicanálise e é considerado um culturalista, porque defendia enfaticamente que os aspectos culturais, sociais e políticos são determinantes das possibilidades de realização humana e, portanto, da estruturação da personalidade. Este autor postula a existência de cinco necessidades específicas que se originam das condições da existência humana:

- A necessidade de relacionamento: o homem sente-se só e isolado porque se separou da Natureza e dos outros homens. Ele, ao contrário dos animais, perdeu suas ligações de interdependência com a Natureza e, portanto, como homem isolado, não está instrumentado para enfrentar todas as condições da Natureza. Nesse sentido, necessita de relações humanas que assegurem o cuidado mútuo, a compreensão.
- A necessidade de transcendência: refere-se à necessidade humana de superar sua natureza animal, de poder realizar sua capacidade de raciocinar, imaginar, criar. O bloqueio dessa necessidade leva o homem a ser destruidor. Nesse sentido, o amor e o ódio são respostas à necessidade que o homem tem de superar sua natureza animal.

- A necessidade de segurança: diz respeito ao seu desejo de ser parte integrante do mundo e ter certeza quanto ao pertencimento a algum grupo. Esta necessidade é plenamente satisfeita, na criança pequena, pela relação gratificante com a mãe. A satisfação e a felicidade estão relacionadas à solidariedade e fraternidade que sente dos outros.
- A necessidade de identidade: o homem deseja ter sua própria marca, sua individualidade, ser original e diferente como indivíduo. A possibilidade de realizar seu potencial criador leva-o a desenvolver sua própria identidade no mundo. Quando é impedido disto, acaba por reproduzir o comportamento de outra pessoa ou grupo.
- A necessidade de orientação: o homem necessita de um quadro de referências para pautar sua conduta, para ter um modo consistente e estável de perceber e compreender o mundo e a si próprio.

Essas necessidades, constitutivas do homem, são puramente humanas; não foram criadas pela sociedade, mas são características da própria natureza humana. Porém as manifestações específicas dessas necessidades e o modo como o homem as realiza são determinadas pelas condições sociais objetivas em que ele vive. A personalidade de cada um desenvolve-se de acordo com as “oportunidades” e condições que a sociedade oferece. Se a sociedade faz exigências contrárias à própria natureza humana frustra e determina a alienação de sua condição humana. Neste sentido, Fromm afirma que a sociedade está doente, se não consegue satisfazer as necessidades básicas do homem. Por outro lado, quando o homem se adapta às exigências interiores, podemos falar em ajustamento do indivíduo. Ajustamento, desta forma, não significa submissão pura e simples às exigências sociais, mas o exercício dos poderes pessoais que visam o desenvolvimento do indivíduo. Portanto ajustamento não significa conformidade. Além destes aspectos, um dos temas principais abordados por Fromm é o da solidão humana. A separação do homem de outros homens e da Natureza tem-se intensificado ao longo dos anos. E o modo de superar isto tem sido o de ligar-se aos outros, através do amor e cooperação ou submetendo-se e conformando ao outro.

## **2.4. Abordagens Da Personalidade**

Existem duas grandes vias de abordagem no que se retoma ao estudo da personalidade, sendo estas a abordagem ideográfica e a nomotética. No que diz respeito a abordagem ideográfica, considera o indivíduo como uma pessoa inteira e única cujo processo consiste na concentração de um indivíduo e na observação das suas características em diversas situações, como acontece por exemplo nos estudos de caso. Ao passo que a abordagem nomotética faz referência a procura de regras que possam ser aplicadas a vários indivíduos, onde neste caso se estudam as características de um vasto número de indivíduos, comparando-os entre si. (Hansenne, 2003).

### **2.4.1. Modelos De Personalidades**

A palavra personalidade diz respeito a padrões de comportamento e atitudes que são típicas de um determinado indivíduo, de forma que os traços de personalidade difeririam de um indivíduo para outro, sendo, entretanto, relativamente constantes em cada pessoa e estáveis (Rebollo & Harris, 2006). Nesse sentido Allport (1966) caracteriza a personalidade como "a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seus pensamentos característicos". Já de acordo com Trentini, Hutz, Bandeira, Teixeira, Gonçalves e Thomazoni (2009), a personalidade se referiria às características dos indivíduos, sendo única e o distinguindo dos demais a partir de padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos.

Embora haja uma variedade de definições para esse construto, a avaliação da personalidade irá depender da teoria adotada pelo pesquisador, de maneira que a forma como as teorias conceituam o termo acaba por definir as principais características de cada posição teórica. Um dos modelos mais difundidos para descrever a estrutura da personalidade dentro da teoria dos traços, sobretudo da personalidade adulta do ponto de vista psicométrico, é o modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade, também conhecido como Big Five, considerado uma teoria explicativa e preditiva da personalidade humana e de suas relações com a conduta (Garcia, 2006). Tamanha a sua importância que, segundo estimativa de Cuperman e Ickes (2009), havia, até o ano de 2006, 1.672 publicações referentes ao Big Five em bases de dados internacionais.

O modelo dos Cinco Grandes Fatores tem sua origem em um conjunto de pesquisas sobre personalidade, advindos de teorias fatoriais e de traços de personalidade. Nunes e Hutz (2002)

afirmam que um dos pioneiros no desenvolvimento do modelo dos CGF foi McDougall que, na década de 30, sugeriu que a análise da linguagem de uma população ajudaria a entender a sua personalidade, propondo um modelo na qual ela poderia ser analisada a partir de cinco fatores independentes. Após esse trabalho, McDougall inspirou pesquisas sobre o modelo, como os estudos de Fiske (1949), Borgatta (1964), e Tupes e Christal (1992).

Basicamente, os traços analisados são de um indivíduo passivo ou dominante, agradável ou desagradável, responsável ou negligente, imprevisível ou estável e curioso ou desinteressado.

### **2.4.2. Os 5 Modelos Psicológicos Da Personalidade**

Apresentação dos 5 modelos psicológicos na perspectiva de Nunes e Hutz (2002):

**Extroversão:** Esse traço é sobre como a pessoa se comporta em sociedade, indicando o quanto são falantes, ativas e afetuosas. Pessoas com baixo score nesse fator tendem a ser mais reservadas e normalmente ditos como introvertidos.

**Socialização ou Agradabilidade:** Se a extroversão diz respeito à energia gasta com relações sociais, a socialização trata o comportamento em relação aos outros. Pessoas com grande agradabilidade tendem a ser mais respeitadas, carinhosas, empáticas e têm facilidade em fazer novas amizades. Já na outra extremidade, os indivíduos tendem a ser pouco sensíveis.

Embora esse segundo grupo não seja necessariamente de características ruins, eles tendem a deixar uma impressão pouco calorosa nas pessoas, o que indica pessoas ideais para cargos militares, por exemplo.

**Conscienciosidade:** Essa característica diz respeito a capacidade de organização, persistência, controle e motivação. Pessoas com alta pontuação nesse fator se destacam na capacidade de planejar de forma eficaz, organizar e trabalhar dentro das regras. Quem está do outro lado tende a ser pouco organizado e não gosta de ambientes com muitas regras, preferem trabalhar de forma flexível e com menos “procedimentos engessados”. Algumas características desse fator são persistência, ambição, controle e planejamento.

**Neuroticismo:** Neuroticismo refere-se à tendência de experimentar sentimentos negativos. As pessoas de alta pontuação neste fator são emocionalmente reativas, mais propensas a interpretar as situações comuns como ameaçadoras e frustrações como difíceis de superar. No outro extremo da escala, são os indivíduos dificilmente perturbados e menos emotivos e reativos. Vale lembrar que ambas as extremidades nesse fator podem apresentar prejuízos na saúde mental ou na adaptação ao ambiente.

**Abertura para experimentar:** É o fator ligado ao intelecto e à imaginação. Diz respeito à vontade de tentar coisas novas, pensar fora da caixa, serem criativas e imaginativas. Alguém com grande abertura para experimentar é um curioso nato, adora aprender, normalmente desenvolve uma carreira criativa como um projeto ou até mesmo um hobby, do outro lado temos quem prefere a rotina, artes abstratas e se ater aos conhecimentos que já tem.

### **2.4.3. Modelos psicobiológicos da personalidade**

O modelo de Eysenck é um modelo de base psicobiológica, assente na metodologia psicométrica para a constituição dos super-factores e das respectivas escalas. Com efeito, Eysenck (1990), considera que os factores biológicos e a relação genética-meio ambiente são preponderantes na determinação da personalidade. A combinação dos dois pólos das dimensões Neuroticismo (instabilidade/estabilidade) e Extroversão/Introversão, permitiu a Eysenck através do recurso a análises estatísticas, descrever os quatro temperamentos de Hipócrates. Assim, o temperamento melancólico seria caracterizado pela instabilidade e pela introversão, o colérico pela instabilidade e extroversão, enquanto o temperamento fleumático seria caracterizado pela estabilidade e introversão e o temperamento sanguíneo pela estabilidade e a extroversão.

Os traços ou tipos básicos da personalidade, são definidos no sistema de Eysenck, como tendo as seguintes características:

**Psicoticismo:** agressividade, frieza afectiva, egocentrismo, impessoalidade, impulsividade, psicopatia e tendência anti-social, falta de empatia, criatividade e rigidez.

**Extroversão:** sociabilidade, vivacidade, actividade, assertividade, procura de sensações, despreocupação, domínio e tendência para a aventura;

**Neuroticismo:** ansiedade, depressão, culpabilidade, baixa auto-estima, tensão, irracionalidade, timidez, tristeza e labilidade emocional;

#### **2.4.3.1. Características dos Tipos psicobiológicos da personalidade**

Em termos de caracterização, o Psicoticismo caracteriza-se por um conjunto de fatores relacionados com o temperamento, como sejam a impulsividade, o cinismo, a frieza, as atitudes anti-sociais, a reduzida afabilidade e a busca de sensações estimulantes. Encontramos elevados índices de Psicoticismo em indivíduos solitários que não se preocupam com os outros e que manifestamente são anti-sociais. Para além disso, o psicótico costuma ser cruel e desumano, insensível, hostil e agressivo para com os demais. É indiferente em relação ao perigo, gosta de inferiorizar e aborrecer as pessoas e aprecia coisas estranhas e invulgares.

O extrovertido é descrito como sendo sociável, apreciador de festas e de muitos amigos, falador, transmite excitação, corre riscos e é impulsivo. Por sua vez, o introvertido típico está sempre quieto, introspectivo, é mais afectuoso com os livros do que com as pessoas e é reservado e distante, excepto para os amigos mais íntimos.

O Neuroticismo caracteriza-se por um conjunto de características da personalidade que englobam a ansiedade, a depressão, a vulnerabilidade psicológica e a hostilidade. A principal característica dos neuróticos é uma constante preocupação com as coisas que podem correr mal e uma forte reacção emocional de ansiedade quando pensa nessas hipóteses, ao contrário dos indivíduos mais estáveis que voltam rapidamente à linha de base depois de uma forte excitação emocional.

#### **2.4.3.2. Perspectiva psicobiológicos**

De acordo com Grey (1982 Cit in Hansenne, 2003), a sua teoria surge a partir de observações de comportamentos animais, colocados em condições particulares de recompensa e de punição. Assim sendo, esta teoria fomenta-se em três factores: Ansiedade, Impulsividade e o sistema Fight/flight.

O modelo proposto por Tellegen (1985 cit in Hansenne, 2003) compreende três dimensões preponderantes: a emoção positiva, emoção negativa e constrangimento. Foi desenvolvido um questionário para aprender estas dimensões: O questionário multidimensional da personalidade. A emoção positiva está relacionada ao sistema de facilitação comportamental, a emoção negativa está relacionada com a actividade do locus coeruleus e constrangimento com a serotonérgica.

Zuckerman (1994 cit in Hansenne 2003), substituiu os modelos de cinco factores por um modelo alternativo. Modelo este de tres factores compreendendo os factores de sociabilidade, de emocionalidade, e de procura impulsiva de sensacoes de caracter antisocial.

Cloninger (1988 cit in Hansenne 2003), propoe um modelo bio social da personalidade, que se articula com temperamentos e caracteres. Cujo os temperamentos são geneticamente deterrminados, estando associado a variaveis biologicas especificas, ao passo que os caracteres correspondem a aprendizagem e aos efeitos do ambiente. Com tudo isto, os temperamentos são: procura de novidade (acrivação), o evitamento do perigo (inibição), a dependencia da recompensa (manutenção) e a persistencia. Por outro lado os caracteres são: a autodeterminação (maturidade individual), a cooperação (maturidade social) e a transcendencia (maturidade espiritual).

## Capítulo III

### 8. Conclusão

A sociedade mostra como diferentes pessoas em termos individuais estabelecem relações entre si criando grupos de indivíduos, por exemplo, grupos de amigos. Entretanto, além desta vertente relacional, o conceito indivíduo também mostra que cada um tem seu próprio objetivo e personalidade, ou seja, as pessoas são dotadas de dignidade. Toda pessoa é individual porque tem a capacidade de tomar decisões por si só de forma livre graças a sua inteligência e vontade.

Os traços de personalidade podem ser usados para resumir, prever e explicar a conduta de um indivíduo, de forma a indicar que a explicação para o comportamento da pessoa será encontrada nela, e não na situação, sugerindo, assim, algum tipo de processo ou mecanismo interno que produza o comportamento. Embora considerados parte constante, devido ao fato de representarem uma tendência, de forma a se poder afirmar a presença de traços ou tendências da personalidade, os traços não são imutáveis.

Quanto melhor você conhece as pessoas, mais fácil é trabalhar com elas e explorar seus talentos, ajudando-as a evoluir. E, enquanto isso, a produtividade aumenta e o clima organizacional vai ficar melhor ainda.

Todas as pessoas têm padrões característicos para perceber e se relacionar com os outros e de reagir a eventos estressantes (os denominados padrões de resposta). Algumas pessoas minimizam os problemas. Outras os exageram. No entanto, quando os padrões característicos de comportamento são ineficazes ou têm consequências negativas, a maioria das pessoas tenta modificar seus padrões de resposta. Em comparação, a pessoa com transtorno de personalidade não altera seus padrões de reação, mesmo quando esses padrões se mostram repetidamente ineficazes e as consequências são negativas.

O ambiente familiar e social tem papel importante no desenvolvimento e manutenção de transtorno de conduta. O comportamento de desobediência está associado a pais e irmãos agressivos e negligentes, divórcio dos pais, mães jovens, baixa condição socioeconômica e outros fatores.

## **9. Recomendações**

Os transtornos de personalidade geralmente têm início durante o final da adolescência ou no início da idade adulta, mas eles podem surgir antes disso (na infância). A duração desses transtornos varia muito. Alguns tipos de transtornos de personalidade. Já em outros (por exemplo, o obsessivo-compulsivo ou o esquizotípico), é menos provável que isso aconteça. Em algumas pessoas, é possível que os sintomas continuem, porém eles são menos intensos. Há toda necessidade de estudar o paciente ou a pessoa, antes de qualquer intervenção psicológica, conhecer a raiz do problema de modo a ser contundente na sua abordagem.

## 10. Bibliografia

- Amado, J. d., & Freire, I. P. (2009). A(s) Indisciplina(s) na Escola: Compreender para Prevenir; Coimbra, Almedina;
- Astier, Isabelle (2007); Les nouvelles règles du social; Paris; Presses Universitaires de France;
- Pervin, Lawrence A.; John, Oliver P. (2005). Persönlichkeitstheorien (em alemão) 5ª ed. Munique, Alemanha.
- Bandura, A. (1971); Social Learning theory, New York, General Learning Press;
- Beau-Castagnac, Anne-Guite, “Le territoire comme nouveau paradigme de l’action publique” in Cauquil (2004), in Conduire et évaluer les politiques sociales territorialisées, Paris, Dunod, pp. 21-41;
- Becker, Howard (1973) Outsiders, Studies in Sociology of Deviance, Nova Iorque, The Free Press of Glencoe;
- Bernoux, J.F. (2005) Mettre en oeuvre le développement social territorial, Paris, Dunod;
- Blakie, N. (2002); Designing Social Research, Cambridge, Polity Press;
- Born, M. (2005). Psicologia e Delinquência (1ª Ed). Lisboa: Climepsi;
- Brandão, Maria Teresa (2010); “Propostas de intervenção familiar para crianças em risco”; Fernandes, Natália; Almeida, Ana Tomás de; Intervenção com crianças, jovens e famílias – estudos e práticas; Coimbra, Almedina; pp. 225-241;
- CAM, T., & Irmak, F. (2014). Uma visão Geral da anomia social de Durkheim e Merton. Journal of human sciences, 11 (2), 1297-1305. Disponível em: <https://j-humansciences.com/ojs/index.php/ijhs/article/view/3083>;
- Carlson, Amber, How parents influence deviant behaviour among adolescents: na analysis of their family life, thier community and their peers;
- Carvalho, Maria João Leote de (2010a); do outro lado da cidade. Crianças, Socialização e Delinquência em bairros de realojamento; Dissertação de Doutoramento em Sociologia; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;
- Carvalho, Maria João Leote de; (2010b), “Juventude e Risco”; Fernandes, Natália; Almeida, Ana Tomás de; Intervenção com crianças, jovens e famílias – estudos e práticas; Coimbra, Almedina; pp. 89-108

- DURKHEIM, Emili. As Regras do Metodo Sociologico. 2ª edicao. São Paulo: Martins Fontes. 1999;
- SENECA, Lucious, Aneu, Frances. Paths Beyond Ego: The Transpersonal Vision. Los Angeles: Tarcher Perigee, 1993.
- Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2002). O modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Em R. Primi (Org.), Temas em avaliação psicológica (pp. 40-49). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- LEONTIEV, A. N. (2004). “A imagem do mundo”. In: GOLDER, M. (org.) Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo. São Paulo, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Pedagógica/Xamã.
- Zuckerman, M. (1994). Behavioural expressions and biosocial bases of sensation seeking. Cambridge: University of Cambridge Press.
- Hansenne, M. (2003). Psicologia da personalidade. Lisboa: Climepsi.